



ADEUS AO MESTRE

Paixão pela ciência e pioneirismo marcaram vida e carreira do professor Franklin David Rumjanek

Página 7

PARTICIPE DO ATO VIRTUAL CONTRA OS CORTES DO ORÇAMENTO, DIA 17

Página 2

HABEMUS CALENDÁRIO

Depois de muitas idas e vindas, a UFRJ decidiu o calendário dos períodos de 2020.1, 2020.2 e 2021.1. Foram definidos períodos de 12 semanas, sem sobreposição entre o PLE e 2020.1, com intervalos de duas semanas entre os semestres letivos. As aulas do primeiro semestre de 2020 começam em novembro. A falta de previsão de férias gerou descontentamento em parte da comunidade acadêmica

Páginas 2 e 3



UM SÉCULO DE UFRJ 100 ANOS DE HISTÓRIA

ANIVERSÁRIO EM GRANDE ESTILO

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

Viva a UFRJ! O aniversário de 100 anos da primeira universidade federal do país, no dia 7, reservou aos convidados debates, mostras da produção acadêmica de cada Centro e campus avançado, homenagens e muita, muita música de qualidade. Confira nas próximas páginas alguns dos melhores momentos. Foi difícil selecionar.

Um concerto comemorativo da orquestra sinfônica da Escola de Música abriu os festejos. Durante 50 minutos, obras de mestres que passaram pela Casa encantaram a audiência. A gravação, que obedeceu aos cuidados sanitários exigidos em tempos de pandemia, no imponente Salão Leopoldo Miguez da Escola, tornou o conjunto da apresentação ainda mais bonito. E, entre uma canção e outra, um pouquinho da história do curso dava a dimensão do gigantesco "peso" da universidade também na Cultura.

"Nossa história é o seu futuro", aliás, foi a frase escolhida para conduzir a celebração que durou dois dias. A reitora, professora Denise Pires de Carvalho, contemplou a trajetória de pioneirismo da maior universidade federal do Brasil sem se descolar do compromisso social com as questões do presente e do amanhã. Denise afirmou a relevância da ciência, arte e cultura. E defendeu o financiamento público para um país mais equânime. "As metas para a Educação devem ser minimamente alcançadas", disse durante a transmissão ao vivo.

O tom político da mensagem da reitora foi claro. "É inconteste que as nações desenvolvidas dependem da presença de universidades que exerçam papel decisivo

na finalidade de torná-las protagonistas de seu próprio destino", afirmou, destacando ainda que "no mundo moderno, quanto maior é o número de universidades de pesquisa, mais pujante é o desenvolvimento socioeconômico do país".

Em uma "rápida, mas intensa viagem" pela história da universidade – como a própria Denise descreveu – nomes como Anísio Teixeira, Eloisa Mano, José Leite Lopes, Carlos Chagas Filho, Alberto Coimbra, Josué de Castro, Edgard Roquette-Pinto, Conceição Evaristo, Marco Aurélio Mello foram homenageados. "Grandes intelectuais que se graduaram na nossa instituição", registrou a magnífica.

Emocionada, a reitora fez referência a todos os níveis de produção de conhecimento da universidade: "de excelência, desde a educação infantil, até a pós-graduação, pesquisa e inovação". E exaltou a capilaridade social que a instituição assumiu ao longo dos anos, alcançando um amplo espectro de demandas da sociedade, desde a formação de professores com as licenciaturas até a sinergia com a indústria e a inovação.

O futuro, segundo a magnífica, também encontra a marca da UFRJ graças a um "ecossistema" favorável ao "fortalecimento de mais cursos de áreas de fronteira do conhecimento", como a Nanotecnologia. "Neste ambiente diverso, intelectualmente muito rico, ocorreu o crescimento e desenvolvimento da UFRJ", destacou Denise, "baseado na tradicional indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão".

Ainda pela administração central, o vice-reitor Carlos Frederico Leão Rocha projetou uma UFRJ para os próximos "vinte, cinquenta ou cem anos", elencando cinco pilares: manter-se como uma casa de conhecimento, manter-se sem tabus, manter-se

inovadora ("como tem feito em relação à Covid-19"), manter-se comprometida com a democratização de seu acesso e manter-se livre e independente. "É independência ou morte", finalizou com bom humor.



inovadora ("como tem feito em relação à Covid-19"), manter-se comprometida com a democratização de seu acesso e manter-se livre e independente. "É independência ou morte", finalizou com bom humor.



DOCUMENTÁRIO

A projeção do documentário "Centenária: a Universidade do Brasil entre duas pandemias", realizado pelo Fórum de Ciência e Cultura, foi outro ponto alto da programação. O curta de 18 minutos, disponível no YouTube, ganhou a narração da atriz Zezé Polessa.

Autoridades como o ministro da Educação, Milton Ribeiro, ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações, Marcos Pontes, presidente da Faperj, Jerson Lima Silva, presidente da Academia Brasileira de Ciência (ABC), Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Marco Lucchesi, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ildeu Moreira, presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Nísia Trindade, enviaram vídeos prestando homenagens aos 100 anos da UFRJ. Assim como diversos reitores.

E houve mais música no final. A canção "Ciência e Arte", composta por Cartola e Carlos Cachaca para a Mangueira, em 1947, fechou o evento. Interpretada por diversos artistas, ela diz no seu início: "Tu és meu Brasil em toda parte/Quer na ciência ou na arte/Portentoso e altaneiro". O samba cita o físico César Lattes, que ganhou notoriedade no Brasil e no mundo pela co-identificação da partícula atômica meson pi no mesmo ano. Mas parece que a homenagem foi escrita para a UFRJ.

PRESIDENTE DA FIOCRUZ RECEBE TÍTULO DE PROFESSORA HONORIS CAUSA

O encerramento do segundo dia de comemorações do centenário ficou reservado para a entrega de títulos honoríficos da UFRJ aprovados pelo Conselho Universitário. Presidente da Fiocruz, Nísia Trindade foi uma das homenageadas. "Quanta emoção receber o título de Professora Honoris Causa desta Casa de Minerva, a deusa grega da ciência, das artes e dos ofícios". A docente chamou atenção para o simbolismo da solenidade: ela, a primeira presidente da Fiocruz nos 120 anos da instituição recebendo o título da primeira reitora da UFRJ em seus 100 anos.

NOCA, O MAIS NOVO DOUTOR HONORIS CAUSA DA UFRJ

Noca da Portela, o baluarte do samba, recebeu o título de Doutor Honoris Causa. "Estou com os olhos cheios de lágrimas, mas feliz da vida. Muito obrigado de todo o coração", disse o compositor. A sessão contou com outro Doutor Honoris Causa, Martinho da Vila: "A universidade homenageando você está homenageando o samba. Tenho certeza de que todos os sambistas se sentem um pouco homenageados junto com você", disse.



TÉCNICOS HOMENAGEADOS

A UFRJ promoveu uma homenagem especial a todos os servidores técnicos-administrativos na figura de dois representantes da categoria: Roseli Frochgarten, do Sistema Integrado de Bibliotecas; e Ivan Hidalgo, da Secretaria de Órgãos Colegiados. Ainda durante a festa virtual, o Sintufjr exibiu o vídeo "Retrato do Trabalho na UFRJ" com imagens, acompanhadas de depoimentos, de muitos servidores em seus variados ambientes de atuação.

UM SÉCULO DE UFRJ 100 ANOS DE HISTÓRIA



UMA HISTÓRIA DE MUITAS MÃOS

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

Parte importante da experiência democrática brasileira, na UFRJ, está diretamente relacionada às suas entidades representativas. O resgate da história dos movimentos docente, discente, técnico e de terceirizados fez parte da programação do segundo dia de celebrações pelos 100 anos da UFRJ, na terça-feira (8). "Não teríamos essa universidade tão pujante, tão forte, com tanta possibilidade de construir um futuro melhor para o país, se nós não tivéssemos tido a participação coletiva e organizada dessas categorias", avaliou Eleonora Ziller.

A presidente da AdUFRJ falou sobre a atuação da associação na construção de um ambiente universitário democrático, a partir de 1979, para a eleição de reitores, para a construção da carreira e a luta conjunta com as demais entidades "por mais verbas" e depois pela Constituinte. Ela enfatizou conquistas-chave como: "o reconhecimento principalmente da Dedicatória Excludiva, do tempo para pesquisa,

do fomento, das verbas, orçamentos e a autonomia que nos protege de ações explicitamente anticientíficas, ideológicas, de perseguição e controle do pensamento".

Sobre os desafios atuais, Eleonora citou o financiamento público para a educação, ciência e tecnologia e as ameaças aos direitos dos servidores. "Tanto a lei de orçamento quanto a reforma administrativa podem nos jogar nos piores anos pré-década de 1980", advertiu, no fim.

Os estudantes deram boas-vindas ao próximo centenário da UFRJ com um olho no futuro e outro no passado. Igor Alves Pinto, da Associação de Pós-graduandos (APG), destacou como o estrangulamento financeiro das universidades públicas pode impactar a produção de ciência e inovação no país. "Das dez patentes depositadas no Brasil [em 2018], seis foram de universidades federais, três de universidades estaduais, todas públicas. A única empresa que aparece na lista é a Petrobras, em quarto lugar", observou.

Pelo DCE Mário Prata, Rafaela Correa considerou que o "mo-



vimento social da UFRJ não se limita à universidade" e "assume responsabilidades junto à sociedade". "O DCE tem 90 anos dos 100 de UFRJ. Participamos da

fundação da UNE, lutamos por autonomia, pela possibilidade de a comunidade acadêmica decidir seus rumos", exemplificou. DCE e APG defenderam a remo-

ção das homenagens prestadas pela UFRJ a figuras públicas da ditadura militar.

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sintufjr) e a Associação dos Trabalhadores Terceirizados (Attufjr) saudaram o centenário da instituição e a cooperação entre todos os segmentos. "É importantíssimo o coletivismo entre as entidades. As outras categorias têm anos nesse centenário da universidade. A terceirização é um acontecimento de vinte anos", disse Waldinêa Nascimento, representante dos terceirizados na mesa. "É fundamental para que, daqui a cem anos, nós também possamos dizer das nossas duras lutas, mas de conquistas também".

O Sintufjr exibiu um vídeo com relatos da rotina de apoio ao ensino e à pesquisa realizados por técnico-administrativos em laboratórios, bibliotecas, museus e afins. "Os TAEs constituem a identidade dessa universidade, um de seus pilares. E hoje são homenageados junto com ela, por toda a construção diária realizada nessa instituição magnífica que é a UFRJ", registrou Noemi Andrade, depois da projeção do curta.

A mesa Uma história de luta e muitas mãos na construção dos 100 anos da UFRJ pode ser conferida no canal do Fórum de Ciência e Cultura no youtube <https://bit.ly/2R5uz8l>.

HELINHO, 43 ANOS DE UFRJ, DESVENDA A MINERVA CENTENÁRIA

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufrj.org.br

Um rico e descontraído passeio pela história da universidade. Assim transcorreu o último Tamo Junto, bate-papo virtual realizado pela AdUFRJ todas as sextas-feiras. Na edição especial do dia 4, o professor Hélio de Mattos Alves, da Faculdade de Farmácia, ficou responsável por apontar fatos e curiosidades na trajetória da mais antiga instituição federal de educação superior do país.

Seria difícil encontrar um "guia" mais preparado. Hélio, que se graduou em 1981 pela própria Farmácia e ocupou o cargo de prefeito universitário por sete anos (de 2004 a 2011), é um apaixonado pela UFRJ.

A viagem pelo tempo remontou aos primeiros cursos superiores instalados no país, após a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808. "Quando chegou aqui, Dom João VI montou uma estrutura de poder", disse Hélio. "Ele precisava de médicos para

cuidar da corte, engenheiros para construir casas e artilharia para armas, além de advogados para fazer as leis da colônia. Essas eram as três grandes escolas isoladas que existiam", lembrou. Desse aparato também fazia parte a Escola Real de Belas Artes, fundada em 1816. "Dom João trouxe os melhores pintores para o Brasil, botânicos e gente de todas as ciências. As nossas unidades isoladas existiam para servir à Corte", explicou Hélio.

Com a República, veio o decreto do presidente Epitácio Pessoa em 1920, que reuniu os cursos de Medicina, Engenharia e Direito para formar a então denominada Universidade do Rio de Janeiro. Mas o improviso era grande. Não havia sequer um prédio oficial para a reitoria. "O gabinete dos reitores era onde eles trabalhavam. As salas dos catedráticos eram verdadeiros palácios, gabinetes de primeira linha. Se o reitor fosse da Faculdade de Medicina, a reitoria era lá, se fosse professor da FND, a reitoria era lá", contou Hélio.



A gestão de Pedro Calmon, reitor de 1948 a 1950 e de 1951 a 1966, mudou essa realidade. "Ele não era ligado muito organicamente à universidade. Por isso, ganhou uma salinha na Rua do Ouvidor", afirmou Hélio. Descontente com o pequeno espaço que lhe reservaram no Centro, o novo reitor enxergou uma oportunidade no então abandonado hospital psiquiátrico Pedro II, na Praia Vermelha, entregue à universidade poucos anos antes. "Fez uma obra luxuosa e levou a

primeira faculdade para lá, a Escola de Educação Física, e também a nova reitoria", lembrou o professor, sobre o atual Palácio Universitário.

A criação do campus da Cidade Universitária não passou em branco na apresentação do professor ao Tamo Junto. Para Hélio, existe um mito de que a UFRJ se mudou para um espaço mais distante do Centro para isolar os estudantes, durante o regime militar. "Eu, como estudante nos anos 70, digo que a

efervescência política da Ilha do Fundão no período foi intensa e preponderante", destacou.

FUNDAÇÃO DA ADUFRJ

Basta ver o exemplo do movimento docente. A AdUFRJ foi fundada em 1979, basicamente por professores do Fundão, disse Hélio. "Quem aglutinou os professores da UFRJ foi a AdUFRJ. A criação do sindicato e as greves permitiram que a gente se conhecesse", lembrou. "Foi o fator essencial para os professores saberem mais um sobre o outro, já que a gente é muito fragmentado", afirmou.

Hélio considerou um marco do centenário a reitoria ser ocupada pela professora Denise. "As mulheres nunca tiveram muito espaço na UFRJ. Não tivemos muitas mulheres catedráticas, o que equivale hoje a ser professora titular. Passaram 100 anos para termos a primeira mulher reitora da universidade. É a marca dos novos tempos, as mulheres cada vez mais ocupam o espaço da Ciência".

UM SÉCULO DE UFRJ 100 ANOS DE HISTÓRIA



LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Qual é o papel da universidade na construção do futuro? Para a antropóloga Debora Diniz, professora da UnB, a universidade é o “lugar onde se produz a verdade”. A frase foi dita durante o debate “A universidade do futuro: a ciência e o mundo pós-pandemia”, promovido pela UFRJ nas comemorações do seu centenário. Debora exaltou o papel dos cientistas e sua valentia. Foi coerente quando perguntada sobre como a produção de verdades, que às vezes são tratadas como certezas eternas da ciência, pode ser valorizada sem se afastar do conhecimento produzido pelo povo. “A construção de verdade e o uso da categoria não significa transformá-la em dogma”, explicou a antropóloga. “O que fazemos nas universidades são construções de respostas transitórias a perguntas que batem à nossa porta como verdades da vida”.

O debate reuniu também o professor de Física da USP Paulo Artaxo, especialista em mudanças climáticas e Silvio Almeida, professor de direito da Mackenzie. Representando a UFRJ estavam a reitora e o vice-reitor, Denise Pires de Carvalho e Carlos Frederico Leão Rocha. A mesa foi mediada pela coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, Tatiana Roque.

O vice-reitor trouxe para o debate o avanço da automação e como ele vai influenciar a qualidade dos empregos oferecidos para as pessoas. “A automação tem impactos devastadores na vida econômica, com um potencial de destruição de postos de tra-

balho poucas vezes visto”, afirmou o professor, que apresentou um dado que estima que entre 30% e 40% dos postos de trabalho que existem hoje devem desaparecer graças ao uso de robôs. A outra consequência da automação é a piora na distribuição de renda. E o cenário é mais grave porque os robôs estão começando a realizar tarefas mais qualificadas.

Na avaliação da reitora, Denise Pires, a universidade está no centro da solução para esse cenário distópico. “As pessoas precisam entender o que nós pesquisadores estamos dizendo”, disse Denise, que é professora do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho. “O que resolve esse problema é a informação, a educação e a metodologia científica disseminadas”, disse Denise.

O professor de Física da USP Paulo Artaxo também exaltou a importância da Ciência. “Esse retrocesso civilizatório que passamos hoje vai causar alguns danos, mas vai passar. E a força da pesquisa brasileira vai vencer”. Sem deixar de reconhecer os danos causados pela pandemia, Paulo explicou os graves efeitos provocados pelo aquecimento global que, segundo ele, terão consequências socioeconômicas mais devastadoras e duradouras.

O professor de Direito Silvio Almeida defendeu que a universidade pública tem papel central na procura por soluções para as graves crises política, econômica, jurídica e cultural que o Brasil se encontra. “O centro desse debate é o futuro da universidade, que é o futuro da sociedade”, afirmou Silvio.

Leia abaixo trecho da apresentação da professora Debora Diniz no debate

“A UNIVERSIDADE É O LUGAR DA PALAVRA VALENTE

“Quero começar com meu imenso reconhecimento à magnífica reitora Denise Pires de Carvalho. Tenho um orgulho especial em saudá-la assim, no feminino, professora Denise. O tempo se conta para trás, se imagina para frente, e nessa dos 100 anos nós já somos o futuro de um passado em que mulheres não estariam em sua posição de saber e poder. Eu estendo a minha saudação aos que hoje celebram esse momento juntos, aqui.

Os 100 anos, eu preciso dizer, me angustiaram. Eu tenho metade deles, e sei tão pouco sobre o que antecedeu. Se sou grata ao passado, sou muito responsável, porque tenho o dever de cuidar, como professora, sobre quem nos sucederá nesse lugar de valentia. É disso que eu quero falar.

A universidade é o espaço de produção da palavra valente. É o lugar onde se produz a verdade, e eu peço licença para usar no singular. Nós somos valentes porque produzimos a verdade, e quem diz o que é verdade são as regras da nossa comunidade, isso que chamamos de ciência, de conhecimento acadêmico e literário. Mas quem transforma o mundo não somos nós, mas o povo que vive a vida. O que fazemos na universidade é nos somar às sobrevivências do povo, oferecendo a palavra, reflexão e a dúvida sobre os desafios do nosso tempo.

Nós vivemos melhor do que há 100 anos. Podemos curar doenças que nos matavam, as mulheres podem decidir quantos filhos querem ter, nós conhecemos mais sobre nosso planeta e o universo. Sabemos que a Terra não é plana, que as vacinas previnem doenças, que há fatos históricos – como a escravização ou a ditadura militar de 1964 – que não são opiniões, mas eventos do passado. Algumas desgraças parecem teimar em nos acompanhar nesses 100 anos. Os desconcertos das pandemias é uma delas. As injustiças raciais e de gênero, os efeitos das desigualdades de classe na saúde, no trabalho ou no sonho de quem se quer ser, ou se poderia ser. Não digo que nos estamos piores ou melhores, na vida comum, do que há 100 anos. Penso nos efeitos do sexismo e do racismo. Isso que foi chamado de sociedade, quando me ofereceram o título para hoje. A afirmação verdadeira é outra, e resiste ao relativismo. Somos terrivelmente injustos.

A comparação no tempo não me consola. Preciso agir como alguém que persegue a verdade porque o mundo assim quer. Por que não respeitamos as regras de proteção e saúde pública em uma pandemia? Por que continuamos racistas, sexistas, homofóbicos? Por que perseguimos mulheres e meninas? Por que destruímos terras indígenas? Por que não fomos capazes de acabar



com essas injustiças, se aqui é o espaço da produção da palavra verdadeira, da palavra valente, que desafia a ira dos que querem nos governar pelo medo e pela tirania?

A resposta é porque nem todos aceitam a verdade. A palavra valente da verdade encontra seus opositores, em particular aqueles com poder de silenciamento e perseguição. Os covardes temem a verdade, a distorcem. Porque falar a verdade é agitar a dúvida. O covarde que não duvida é o fanático, e o fanático não pode duvidar. Por isso ele desdenha da universidade.

Mas a universidade persiste. Nesses 100 anos não é a primeira vez que precisa mostrar a sua força para produzir a verdade e lutar pelo justo. E não será a última vez, mas será sempre libertadora quando o faz.

Erra quem pensa que um pesquisador e um laboratório definem a sua agenda de pesquisa. O que seria

do seu gabinete de trabalho que transforma o mundo. Quem nos agenda é o mundo, é a vida do povo comum, que nos bate à porta. Quanto mais aberta estiver a nossa porta para as necessidades do mundo, mais valente será a universidade para a produção da verdade. E sim, a palavra da universidade para dentro e para fora, para a sua comunidade universitária e para a sociedade, é a palavra valente. Pronunciá-la exige coragem, por isso sempre há risco. Risco de não ser ouvida, de ser silenciada, de ser dito errado.

Mas eu quero dizer que para sermos valentes, primeiro precisamos escutar o mundo. A valentia não está em resistir ao fanático, mas em ser capaz, desde a escuta do mundo, imaginar mundos menos injustos. A coragem de verdade está em sua produção corajosa, está na pronúncia, mesmo sob risco. A controvérsia da palavra verdadeira não pode nos intimidar, muito menos silenciar. Por isso não há heroísmo em quem fala a verdade. Há só uma coragem, partilhada, em todos nós que estamos na universidade para a produção do conhecimento. Nós somos muitos, todos os dias, a fazer isso.

Aprendemos a escutar mais e melhor o mundo nesses 100 anos, e eu quero dar um exemplo. Nesses 100 anos o mundo fez Conceição Evaristo. Essa universidade a titulei como doutora. Essa universidade tem até a ousadia de chamá-la de “ex-aluna ilustre” em suas celebrações de 100 anos. Eu digo a ousadia porque aí está alguém com a coragem da verdade, a quem todas nós, todos nós, somos devedores.

Conceição Evaristo tem a palavra valente da universidade. Ela desafia a ira do racismo. Ela fala de personagens ignoradas pela história, pela literatura, pela etnografia. Ela é incômoda. Faz troça do que se imaginava descrever como literatura canônica. Ela nos oferece imaginação.

Há quem não goste de nós. Os desafetos individuais devem ser ignorados. O nós que importa é sobre a universidade como espaço de criação. Nesses 100 anos, a história de covardia contra as universidades pode ser contada na longa duração, ou pelo instante. Esse é o momento em que a palavra verdadeira da universidade é incômoda para alguns. Há quem queira nos intimidar pelo ódio, impedir que nossas reitoras sejam reitoras, cercear a construção da palavra verdadeira. Mas a universidade não se intimida facilmente. Por isso eu repito, aqui é o espaço da palavra valente da verdade. Ela é incômoda, porque essa é nossa ética da coragem e da responsabilidade. E que assim seja por todo o futuro que espera a UFRJ”

UM PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO

KIM QUEIROZ
comunica@adufrrj.org.br

A Ciência como norte, a generosidade como meio. Assim foi a vida de Franklin David Rumjanek, professor do Instituto de Bioquímica Médica (IBqM), que faleceu no último dia 6, aos 75 anos, vítima de um câncer. Na véspera do aniversário do centenário da UFRJ, a comunidade acadêmica se despediu do professor emérito, que atuou incansavelmente na pesquisa e na formação de cientistas.

O professor fez parte da criação do curso de Biomedicina, em 1994. “Esse curso foi criado com um perfil muito diferente de todos os outros. A perspectiva era formar pesquisadores na área de ciência biomédica. Coisas muito avançadas para a época, e que claramente tinham um dedo do Franklin”, lembra o professor Pedro Lagerblad, diretor da AdUFRJ e colega de Franklin no Instituto por muitos anos. “Ele também delineou a proposta de transformar o Departamento de Bioquímica em Instituto, e foi o nosso primeiro diretor”, aponta.

Um dirigente que demonstrava um ímpeto de realização muito grande. “Na sua gestão, ele sempre se preocupou em não ficar no zero a zero. Ele queria inovar, criar coisas que não existiam”, diz Pedro. Segundo o diretor da AdUFRJ, a trajetória de Rumjanek abriu portas para muitos outros pesquisadores. “Ele foi pioneiro no estabelecimento de técnicas de biologia molecular”.

Entre suas contribuições para a UFRJ, está a criação do Laboratório Sonda, um dos primeiros no Brasil a realizar diagnósticos de DNA e exames de paternidade. “Aquilo gerou muito recurso, mas todo o dinheiro entrava para o laboratório. Nunca entrou um tostão pro Franklin, por mais que ele tivesse essa possibilidade”, afirma Lagerblad.

O atual diretor do IBqM, Fábio Almeida, ressalta a influência do professor sobre o IBqM. “O Franklin tinha esse olhar prático e generoso da Ciência, e ele colocou esse olhar no nascimento do Instituto. E até hoje a gente vê marcas disso”, conta.

Natural do Rio de Janeiro, o docente se formou em Ciências Biológicas Modalidade Médica pela UERJ, em 1969. E desbravou fronteiras durante sua pós-graduação, cursada na Europa entre 71 e 83. A filha Julia nasceu em Londres nesse período, e destaca o envolvimento constante do pai com leituras e o fascínio por viagens. “Ele sempre viajava muito, e por isso tinha essa fama de ‘professor que escalou o Everest’. Ele não chegou a escalar, mas foi até o acampamento base”, brinca Julia.

Após concluir uma especialização na

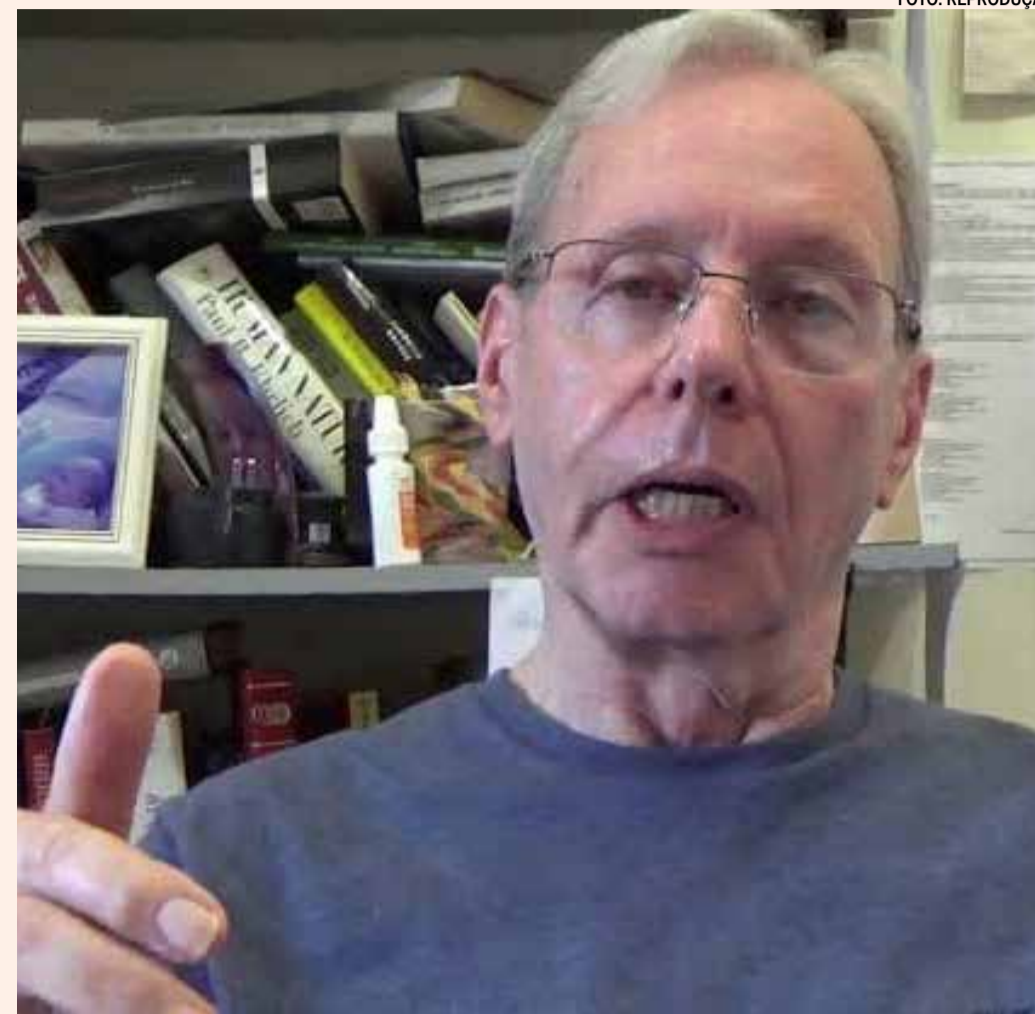


FOTO: REPRODUÇÃO



FOTOS: ACERVO DE FAMÍLIA

FRANKLIN foi o primeiro diretor do Instituto de Bioquímica. Na imagem central, com a filha Julia, a neta Joana e a esposa Helen. Ao lado, o jovem que iria influenciar gerações de estudantes



Dinamarca e o doutorado na Inglaterra, o docente retornou para o Brasil e inicialmente se tornou professor da UFMG, de 1983 a 87, quando foi transferido para UFRJ. Ainda em Belo Horizonte, Franklin começou a contribuir com artigos para a revista Ciência Hoje, da qual foi editor até seu falecimento. Isso despertou nele um amor pela divulgação científica. “Ele amava a Ciência. E isso envolvia tudo. O que era feito, o que era

descoberto, a maneira de pensar, e quem fazia”, afirma Vivian Rumjanek, ex-esposa e também colega de Instituto.

Apesar da extensa carreira acadêmica desenvolvida no exterior e no Brasil,

Vivian observa que Franklin não se exibia por isso. “A biblioteca do Franklin de livros científicos, de cientistas, e o conhecimento que ele tinha disso tudo era incrível. Mas ele jamais se expunha. Ele era uma pessoa bem discreta, bem britânica no jeito de ser”.

A disposição e o interesse de Franklin por estudar os mais diversos assuntos fica registrada na memória de seus pares como um exemplo. “Ele tinha um conhecimento enciclopédico de ciências em geral. Ele tem um livro, por exemplo, em que fala com muita desenvoltura sobre aspectos de astrobiologia”, destaca Fábio Almeida.

Do mesmo modo, seu senso de humor era uma característica simultaneamente notável e singela. “O Franklin era muito irônico e sarcástico, mas sempre com uma fala mansa, com um tom de voz que não se alterava”, destaca Pedro Lagerblad. Fábio Almeida acredita que o docente fará muita falta. “Ele tinha uma generosidade enorme, e um senso de humor bastante refinado”, pontua.

Já nos anos finais de sua vida, Franklin Rumjanek resolveu mudar completamente. Com uma carreira consolidada internacionalmente na área de parasitologia, o professor decidiu estudar a biologia do câncer. “No final da carreira, onde as pessoas procuram se amarrar, ele se propôs a iniciar um estudo. E isso é uma característica do Franklin, muita vontade de conhecer”, diz Pedro.

Grande entusiasta dos processos de aprendizado, Franklin buscava fomentar nos seus alunos a autonomia para resolução de problemas, e assim cativou gerações de discípulos na graduação. Um discurso de formatura para o professor em 2016, quando foi patrono de uma turma da Biomedicina, retrata bem o respeito que os estudantes tinham pelo mestre. “Aprender bioquímica com o senhor foi um privilégio, pois nos instigou com seus conhecimentos, seu jeito descontraído de dar aula, sempre cativando a atenção com pequenas piadas seguidas de grande sabedoria”.

A homenagem expõe também a admiração pela carreira do professor. “Esperamos que, com essas simples palavras, o senhor consiga mensurar a diferença que fez em nossas vidas. Para nós, ainda tão pequenos na ciência, olhar e participar da trajetória de alguém que é nossa referência, é, absolutamente, uma honra”, diz o discurso.

Filho de uma pianista americana, Franklin carregava na alma uma grande paixão pela cultura musical. “Ele amava música clássica, e tinha um amplo conhecimento disso. Sempre que podia, na casa dele havia música clássica tocando ao fundo”, observa Vivian. “Nessas últimas semanas de vida, a Helen, que é a esposa dele, deixava sempre ao fundo a BBC tocando concertos, e eu acho que isso foi muito bom pra ele”, finaliza.

OBITUÁRIO

MORRE IRACEMA TEIXEIRA

Mãe do ex-reitor Aloísio Teixeira e da ex-presidente da AdUFRJ, Maria Lúcia Teixeira Werneck Viana, dona Iracema morreu nesta sexta-feira aos 96 anos idade. Dona de vigoroso senso de humor e amor à vida, Iracema teve três filhos, 11 netos, 15 bisnetos e 1 tataraneta.

Em setembro de 2012, ela foi convidada a descerrar a placa que deu ao campus

Macaé o nome de Aloísio Teixeira. Bastante emocionada, declarou uma frase que para ela representava o filho reitor: “A audácia dos sonhos é que eles se realizem”. A atual presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, lamentou a morte de dona Iracema: “A nossa homenagem à D. Iracema, e à sua valiosa lição, pois só vale sonhar se for para realizar nossos sonhos!”